

Megan Maxwell

Sempre Te Encontrarei

Guerreiras Maxwell – 3

Tradução

António Carlos Carvalho



Ser uma Guerreira Maxwell é não se deixar vencer pelas adversidades. É saber levantar-se e lutar pelo que se quer, mesmo tendo perdido uma ou outra batalha.

Guerreiras,
são as melhores.

MEGAN

Prólogo

Castelo de Caerlaverock, 1312

No Castelo de Caerlaverock, perto do condado de Dumfries, os seus habitantes, tristes e desolados, choram a terrível desgraça que se acabara de abater sobre o clã Ferguson. No dia anterior, numa das cavernas do bosque, apareceram os corpos sem vida dos filhos do *laird* Kubrat Ferguson, Felipe e Kendrick, de treze e catorze anos, respectivamente, e os da sua amada e doce esposa Julia com a pequena Jane.

Tinham saído para dar um passeio pelo belo bosque no dia do aniversário de Angela, outra das filhas, mas pouco depois haviam-nos desmembrado, o que encheu de desolação os habitantes do castelo. A única que se salvou desse ataque cruel foi a pequena Angela.

No momento em que isso aconteceu, a menina traquinas fora apanhar urze-escoceza, uma erva medicinal que a mãe lhe mandara buscar para tratar a tosse do pai. Quando regressou ao ponto onde os outros deveriam estar, ao não encontrar os familiares onde os deixara, procurou-os até dar com eles.

Sem entender o que acontecera, correu para a mãe, que, estendida no chão, se mexia de maneira estranha, e, ajoelhando-se a seu lado com os olhos inundados de lágrimas, chamou:

– Mamã... mamã...

Ao ouvi-la, a mulher tossiu e uma golfada de sangue saiu-lhe da boca.

– Tens de ser forte, meu amor... – sussurrou, agarrando a filha.

– Mamã... levanta-te...

– Tens de ser corajosa, Angela – insistiu a mãe. – Cuida do teu pai e das tuas irmãs, e quando fores adulta apaixonar-te e prometer-me que desfrutarás do amor.

– Mamã... mamã, vá lá, levanta-te – gemeu a menina, entre lágrimas.

A mãe estremeceu e, com um fio de voz, disse:

– A mamã ama-vos a todos. Procura o papá e diz-lhe que espero por ele.

E, dizendo isso, fechou os olhos e deixou de respirar. Angela, sem saber o que fazer, permaneceu vários minutos abraçada a ela. Chamou-a, sacudiu-a, à espera que lhe dissesse mais alguma coisa, mas a mãe nunca mais falou.

Sem parar de chorar, aproximou-se dos irmãos. Sacudiu-os, mas eles também não reagiram. Por fim, horrorizada e com as mãos cheias de sangue dos seus, correu para o castelo em busca de ajuda.

Nessa noite, depois de se terem recuperado os cadáveres, falou-se de um ataque selvagem dos lobos. Mas aqueles que viram os corpos e os cortes que tinham compreendido que só podiam ter sido feitos por lâminas manejadas por bandidos e vilões.

Com expressão sombria, o *laird* Kubrat Ferguson ouvia o responso do padre Godo em intenção da sua família, enquanto as outras filhas, Davinia, de quinze anos, May, de doze, e Angela, de dez, choravam desconsoladas. Não conseguiam acreditar no que acontecera. A sua encantadora mãe e os irmãos nunca mais voltariam para elas.

Enquanto o padre Godo continuava a dizer a oração em voz alta, o *laird* olhou para as filhas, para as três pequenas damas que amava com todo o coração e cerrou os dentes para não chorar. Não podia, não devia fazer isso, tinha de mostrar firmeza.

Voltou a olhar para as filhas e conteve as lágrimas. Nunca esqueceria a expressão de horror e incredulidade da pequena Angela ao chegar ao castelo. Ela vira o que nenhuma criança deveria ver: a morte mais crua. Arrasado e atormentado, voltou a fixar os olhos nos tartãs que cobriam os corpos sem vida da mulher e dos filhos. Pensar em Julia, no seu sorriso, na sua coragem e doçura, partiu-lhe o coração e de repente lembrou-se da promessa que ele lhe fazia de cada vez que nascia um dos filhos. Uma promessa que sabia que futuramente lhe poderia trazer

problemas, mas que iria respeitar, ainda que fosse a última coisa que faria pela esposa.

Angela, ainda emocionada com o que acontecera, olhou para o pai e, pondo-se em bicos de pés, aproximou a boca do seu ouvido e, surpreendendo-o, sussurrou:

– A mamã disse que eu tinha de ser corajosa e cuidar de ti e das minhas irmãs.

Ao ouvir isto, o *laird* esboçou um sorriso triste e, erguendo-a nos braços, abraçou-a e disse-lhe:

– Não te preocupes, minha menina. O papá cuidará de vocês.

Três dias depois, o clã apanhou uns vilões com os pertences dos falecidos. O *laird* Kubrat Ferguson matou-os um a um, sem piedade, olhando-os nos olhos e amaldiçoando as almas deles para toda a eternidade, enquanto murmurava:

– Morte por morte.

Nessa noite, depois de vingar a família com toda a ira do mundo, deu um beijo de boas-noites às três queridas filhas e, quando chegou aos seus aposentos, deu rédea solta à sua tristeza, à amargura e à dor. Desesperado como nunca estivera na vida, chorou aos pés do leito conjugal vazio, enquanto repetia vezes sem conta:

– Meu amor, não posso viver sem ti. Meu amor, espera por mim...

Não sabia que a pequena Angela o observava como um ratinho assustado atrás da porta entreaberta, murmurando:

– Não chores, papá. Eu serei corajosa e cuidarei de todos.

A partir desse dia, a vida dos habitantes do Castelo de Caerlaverock e redondezas mudou. Nada voltou a ser igual, porque o *laird* nunca deixou de sofrer por amor.

Capítulo 1

Escócia, condado de Dumfries, 1325

O *laird* Kieran O'Hara regressava exausto, com o seu exército de *highlanders* e a sua amada mãe, após cavalgar durante dias até ao Mosteiro de Dundrennan desde o seu lar, o Castelo de Kildrummy. Andava há meses à procura do irmão, James, chamado James O'Hara, o *Mau* por causa das suas malfetorias, e chegaram-lhe notícias de que poderia estar nesse mosteiro, gravemente ferido.

Mas a viagem foi infrutífera. O moribundo que ali se encontrava não era James e, carrancudo, Kieran decidiu regressar a Kildrummy, perto de Aberdeen.

– Em que estás a pensar? – perguntou-lhe o jovem Zac.

– No James – respondeu Kieran, observando a mãe.

Há cerca de dois anos que James não dava sinais de vida e isso angustiava Edwina, a mãe dos O'Hara. Desolado, Kieran não conseguia esquecer as tristes palavras da mãe ao sair do Mosteiro de Dundrennan:

– Não sinto o James, Kieran. Já não o sinto.

Kieran, com o coração apertado, olhou para a mãe e disse a Zac:

– No dia em que encontrar o James, matá-lo-ei pelo sofrimento que está a causar à minha pobre mãe.

O jovem suspirou. Não se lembrava bem de James O'Hara. Conhecera-o quando era pequeno e a sua irmã, Megan, com Kieran, tivera de conceber um plano para resolver um problema com James antes que se transformasse em algo irreparável.

– Compreendo-te, Kieran. Mas se fizeres isso, a tua mãe...

– A minha mãe... – interrompeu-o Kieran, esboçando um sorriso gelado. – É a única que guarda alguma boa recordação dele.

– Eu também – interveio Louis, que cavalgava a seu lado. – Ainda me lembro do dia em que um cavalo lhe deu um coice entre as pernas e ele uivou de dor. Nunca me ri tanto na minha vida.

Kieran soltou uma gargalhada amarga.

– O idiota do meu irmão devia lembrar-se que tem uma mãe que sofre por ele – afirmou. – A sua ausência aflige-a cada vez mais a cada dia que passa e eu não sei o que fazer para lhe arrancar um sorriso.

– Casa-te – sugeriu Zac.

Louis soltou uma gargalhada. Kieran e ele eram bons amigos e costumavam andar com raparigas. Fazendo um sorriso divertido, Zac continuou:

– Segundo o que pude ver com os meus olhos quando estive em Kildrummy, a bela *lady* Susan Sinclair deseja-te intensamente e não parece desagradar à tua mãe.

– Bom... isso não é o mesmo que eu penso – riu-se Louis.

Zac, sem ouvir o que o outro dissera, acrescentou:

– Basta ver a quantidade de vezes que essa jovem e a mãe são convidadas para passarem longos fins-de-semana em tua casa, para perceber que entre vocês há algo mais.

Sem afastar os olhos da mãe, que ia numa carroça olhando em frente, Kieran sorriu e explicou:

– A minha mãe e a dela são amigas e Susan é uma boa rapariga, além de ser uma beleza, não acham?

Louis assentiu; no entanto, Zac respondeu:

– É uma beleza, mas há algo nela que não me agrada muito.

Esse comentário chamou a atenção de Kieran, que enquanto o olhava perguntou:

– Por que dizes isso?

– Segundo a minha irmã Megan, a Susan é simplória e aborrecida – respondeu Zac.

– Megan! Quem, senão ela? – comentou Kieran carinhosamente, ao pensar nessa mulher por quem tinha tanto apreço.

Louis soltou uma gargalhada.

– Estou de acordo com a irmã do Zac – disse.
– Vocês estão a esquecer-se de que gosto de todas as mulheres! – replicou Kieran, divertido.

– E se tiverem peitos grandes, ainda mais! – troçou Louis.

Kieran sorriu. Susan era uma beldade que chamava a atenção onde quer que fosse, mas nunca se mostrava em desacordo com ele em coisa nenhuma. Era demasiado dócil e conformista.

Louis olhou para o jovem Zac Phillips e disse:

– Há uns meses, o Kieran esteve quase a pedir a Susan em casamento.

– Ia fazê-lo pela minha mãe – resmungou Kieran.

– A sério que a ias pedir em casamento?

Kieran não respondeu, mas Louis fê-lo por ele.

– Se na noite anterior não tivéssemos bebido até quase cairmos mortos, creio que este tonto estaria agora casado com ela.

Irritado por ver como aqueles dois falavam da sua vida, Kieran olhou-os com ar carrancudo. Casar-se não era algo prioritário para ele, mas a mãe queria vê-lo com uma esposa e sabia que, mais tarde ou mais cedo, teria de considerar essa questão. Mas desejoso de largar já o assunto, murmurou:

– Querem parar de falar da minha vida como se eu não estivesse aqui? Parecem duas alcoviteiras. Além disso, só faltava que a minha mãe os ouvisse para que voltasse a insistir nesse assunto.

– O que o Louis disse é verdade? – perguntou Zac, divertido.

Kieran O'Hara assentiu e, sabendo que a mãe não o podia ouvir, explicou:

– Nessa noite bebemos até cairmos, vencidos. E embora nunca tenha querido pensar demasiado nisso, acho que chegou o momento de procurar uma mulher para Kildrummy e de que umas crianças corram pelo meu lar. Além disso, a minha mãe está a envelhecer e já que o idiota do meu irmão só a faz chorar, pelo menos eu quero vê-la sorrir. Talvez quando regressar desta viagem...

– A Susan não é a mulher de que tu necessitas, e *lady* Edwina também sabe disso – protestou Louis.

Kieran sorriu e olhou para a mãe. A ela não havia nenhuma mulher que lhe agradasse para ser sua esposa.

– Lembra-te, Louis, que serei eu a carregar com a minha esposa, e não a minha mãe.

O amigo encolheu os ombros, mas Zac perguntou:

– E estarias disposto a perder a tua liberdade por uma mulher que não amas?

Kieran riu-se, trocando olhares com Louis.

– Casar-me com a Susan não mudará a minha vida. Não caí no caldeirão do amor e das palavras doces, como o Duncan, o Lolach ou o Niall. Segundo eles, encontraram a mulher que os completa, mas se me casar não será pelos motivos deles. Digamos que o meu casamento será algo prático, que me permitirá continuar a fazer a minha vida fora do lar, como sempre.

– Serias capaz de te casares sem amor?

Louis e Kieran olharam-se por um instante antes de responder e por fim este último disse:

– Sem dúvida.

– Tens a certeza? – insistiu Zac.

– Absoluta – afirmaram em uníssono os dois amigos, soltando uma gargalhada.

Susan Sinclair era uma das beldades das Highlands. Vivia numa magnífica mansão em Aberdeen, com os pais. Era uma mulher delicada e sensual, de cabelo claro como o sol e olhos da cor do mar, e embora muitos a cortegassem, Kieran sabia bem que só o aceitaria a ele. Talvez tivesse chegado o momento de se lançar.

– Bom... pois então, tal como apresentas a questão, Susan será uma boa companhia para a tua mãe – concluiu Zac.

– Não creio – replicou Louis, que conhecia bem Edwina.

Sem lhe ligar, o jovem prosseguiu:

– Ambas poderiam coser, cozinhar, cuidar das flores. Ainda que, bom, sei pela minha irmã que...

– Outra vez a Megan? – comentou Kieran, rindo-se e pensando nessa beldade de olhos escuros. – Vejamos o que te disse agora essa maldita bruxa morena.

– Segundo ela, necessitas de uma mulher que te diminua o ego e que saiba dizer-te que não a muitas coisas. Ela acha que só isso te fará feliz.

– A tua irmã é um verdadeiro demónio – respondeu, divertido.
– Também diz que as mulheres facilitam muito as coisas quando lhes sorris e que só alimentam a tua vaidade. Aquecem-te a cama, mas não o coração.

– Dizer que ela é um demónio é dizer pouco – exclamou Kieran, rindo-se de novo.

– Porquê escolher uma quando há tantas dispostas a dar-nos prazer? – perguntou Louis, sorrindo.

– Sim, segundo o Duncan – prosseguiu Zac –, paixão e mulheres não vos faltam e sois felizes com o que elas vos dão.

– O Duncan é que nos conhece e sabe do que necessitamos – assentiu Kieran, divertido, olhando para um risonho Louis.

Ao anoitecer, chegaram aos arredores de Dumfries. Aí, o *laird* O'Hara procurou uma estalagem decente para que a mãe, Edwina, e a dama de companhia, Aila, passassem a noite. Dormir ao relento não era o que nenhuma das duas mais gostava de fazer.

Assim que Kieran as deixou nesse lugar, com vários *highlanders* para as protegerem, foi com os guerreiros até um bordel próximo para refrescar a garganta.

De madrugada, cansados e um pouco tocados pela bebida, alguns O'Hara decidiram penetrar num denso bosque de carvalhos para dormir um pouco, apesar da chuva e das advertências do estalajadeiro, que lhes disse que esse bosque estava encantado.

Dentro do bosque encontraram umas cavernas, procuraram lenha seca e fizeram uma boa fogueira. Depois desenrolaram as mantas ásperas e os tartãs e, após deixarem Arthur de sentinela, aninharam-se no chão e dispuseram-se a dormir.

Mas o que esperavam que fosse um merecido descanso depressa se tornou uma loucura. Estavam a atacá-los!

Alertado pelos gritos, Kieran levantou-se e saiu da caverna com os homens que tinha consigo. A chuva bateu-lhe na cara e sentiu tonturas. Com o olhar turvo, conseguiu ver que Zac e Louis se levantavam com dificuldade.

Instantes depois, viu Louis cair e, depois dele, Zac. Quando Kieran ia ter com eles para os ajudar, um golpe forte na cabeça derrubou-o.

O sangue que lhe escorria pela cara, a chuva, a tontura e a concussão do golpe impediam-no de se mover.

Impotente, começou a praguejar e a jurar que mataria os bastardos que os tinham atacado. Ele, um *highlander* experiente em centenas de batalhas, ferido com gravidade em diversas ocasiões e temido por muitos exércitos, sentia-se um verdadeiro inútil e uma presa fácil nesse estado.

Por fim conseguiu sentar-se, mas um pontapé no peito voltou a fazê-lo cair no chão. Enquanto um pé o pisava com força e sentia a ponta de uma arma no queixo, ouviu alguém dizer-lhe:

- Serei rápido a matar-vos, e em troca ficarei com os vossos cavalos. Cada vez mais zangado, Kieran berrou, ainda sem ver com clareza:
- Regressarei do meu túmulo para te matar!

O outro homem riu-se, enquanto apertava ainda com mais força o pé contra o seu peito. Sem se dar por vencido, Kieran tateou à sua volta à procura da espada, mas antes que a pudesse alcançar um silvo fez que o bandido olhasse para a direita, antes de desabar.

Por sorte, Kieran foi rápido e virou o corpo de lado. Se não o tivesse feito, esse indesejável ter-lhe-ia cravado a espada na garganta ao cair.

Com dificuldade, conseguiu agarrar a espada, mas ao levantar-se deu uma escorregadela que o fez cair de novo para trás.

Maldição!

A cada instante que passava sentia-se pior. Tentou levantar-se, mas não conseguiu. Precisava de ficar sóbrio e ir ver como estavam os seus homens, em especial Zac. Se acontecesse alguma coisa ao rapaz, a sua amiga Megan matá-lo-ia por não o ter protegido.

De repente, a sua visão turva focou-se em diversos encapuzados que, com uma destreza assombrosa, liquidavam os bandidos. Viu-os atacar, saltar de árvore em árvore e dizimar os bandidos com uma agilidade e uma destreza que o impressionaram. Quem seriam?

Após uma confusão tremenda, minutos depois a calma regressou ao bosque. Os olhos de Kieran estavam enevoados e não conseguia focar a visão com clareza. Que se passava com ele? À sua volta tudo estava embaçado, confuso, mas conseguiu vislumbrar que os encapuzados se aproximavam. Levantou a espada, mas um golpe certo na mão tirou-lhe a lâmina.

– Que quereis? – berrou.

Vários agacharam-se e uma voz doce respondeu:

– Sossega. Viemos ajudar-vos.

Estonteado e sem conseguir fixar os olhos em nada nem em ninguém, Kieran apercebeu-se de que vários dos desconhecidos se moviam à sua volta. Falavam demasiado baixo para que pudesse ouvir o que diziam e, conforme pôde, perguntou:

– Quem sois?

– Isso agora não importa – respondeu um homem.

Então outra voz tão doce como a primeira que falara com ele disse:

– Deixa-me o saco. Este homem está ferido.

Ferido? Quem estava ferido?, pensou Kieran.

No meio dos murmúrios distinguiu várias vozes de mulher. Sentia vontade de vomitar. Não sabia o que lhe estava a acontecer, até que uma voz rude e forte disse:

– Este é o *laird* Kieran O’Hara e estes são os seus homens.

Ao ouvir o seu nome, Kieran mexeu-se e disse:

– De onde me conheces?

Ninguém respondeu à sua pergunta, mas uma das mulheres sugeriu:

– Bebei isto. Fará com que o veneno desapareça do vosso corpo.

– Veneno?

Um riso suave soou perto do seu ouvido.

– Deitaram veneno nas vossas bebidas para vos estontearem, roubarem e matarem. Por sorte para vós, um dos meus homens encontrava-se também no bordel e apercebeu-se do que estava a acontecer. Mas ficai sossegado, com a poção que vos estamos a dar, todos ficareis depressa sãos.

Kieran berrou. Mataria quem tivesse feito isso. Com alguma dificuldade, estendeu a mão e, depois de agarrar com força o braço da mulher que falara com ele, perguntou:

– És uma mulher, não és?

Ela sorriu, ainda com o capuz posto, e, conhecedora dos efeitos desse veneno e sabendo que ele a via turvamente, limpou-lhe o sangue da cara e respondeu:

– Será que isso importa?

Desesperado ao sentir-se tão diminuído, Kieran sussurrou:

– Diz-me como te chamas...

A mulher olhou-o. O ferido era um homem louro de olhos claros, corpulento e bem-parecido. Sem dúvida um habitante das temidas Highlands e, tratando-lhe a ferida que tinha na testa, respondeu:

– Só te deveria importar que te salvámos a vida e também a dos teus homens. E agora, se ficares quieto, acabarei de tratar este feio golpe que tens na cabeça.

– Como te chamas? – insistiu Kieran.

– Chiu... nem mais uma palavra ou zango-me.

Os encapuzados olharam uns para os outros e sorriram.

Enquanto um grupo levava os corpos dos assaltantes para os fazer desaparecer, as mulheres tratavam dos feridos e a que cuidava de Kieran cantarolava:

No bosque encantado

Eu te encontrei

Ferido e assustado

Por...

– Não estou assustado – protestou ele.

De novo esse belo riso encheu os seus ouvidos.

– É o que diz a canção, não eu.

– Não estou assustado, estou furioso! – resmungou.

– Bom – sorriu a jovem –, visto que a vossa vaidade é muita, mesmo num momento como este, cantarei outra que diz:

Das Highlands chegaste

Corajoso e irritado

Mas não metes medo

Embora sejas um homem feroz

Kieran fez um sorriso débil ao ouvi-la, mas afirmou:

– Pois devias temer-me e ainda mais estando tão zangado.

Sem o menor vislumbre de medo, ela aproximou a boca do ouvido dele e sussurrou:

– Eu não temo nada nem ninguém.

– E a morte?

– Ainda menos.

Apesar de se sentir tão mal, Kieran teve vontade de sorrir perante a loquacidade e a determinação daquela mulher. Além de ter umas mãos suaves, era corajosa e possuía uma voz bonita.

Nesse instante, ela olhou para a jovem que, a seu lado, estava a tratar outro dos *highlanders* e perguntou-lhe, espantada:

– Que estás a fazer?

Após soltar um risinho quase inaudível, a outra encapuzada tocou nos lábios, pôs uma flor cor de laranja na orelha de Zac e murmurou:

– Oh, estou a beijá-lo, mas ninguém saberá disso. Não consegui resistir.

– Está a amanhecer. Temos de sair daqui – disse a voz de um homem com tom firme.

– Dá-me uns instantes e acabo já – respondeu a que tratava Kieran.

Quando terminou o curativo, largou-o, mas Kieran, ao sentir que o abandonava, agarrou-lhe a mão e puxou-a, fazendo-a retroceder.

– Diz-me quem és – insistiu, antes de quase desmaiar.

– Sou a tua salvadora – sussurrou, olhando-o nos olhos.

Sem a largar, Kieran murmurou:

– Estás em vantagem. Diz-me quem és e, e... quando estiver melhor irei à tua... procura e poderei... agradecer...

Não conseguiu terminar a frase.

A jovem sorriu calma, sabia que ele estava bem, apesar de quase desmaiado. Tocou-lhe com delicadeza no cabelo louro e, embora gostasse muito de voltar a ver esse homem, e deixar-se cortejar por ele, não podia revelar a sua verdadeira identidade. No entanto, antes de sair dali, quando viu que a sua gente se afastava, aproximou os lábios dos dele e beijou-o, murmurando perto da boca dele:

*Do bosque encantado,
Uma fada te salvou,
E num momento inesperado
Um beijo te roubou*